


A man in a red jacket and green pants is climbing a snowy mountain peak. He is leaning forward, using his hands to grip the snow. The background shows a vast, snow-covered mountain range under a blue sky. The overall scene is one of a challenging and dangerous mountain climb.

**«SE  
ADORMECER,  
VOCÊ  
MORRE!»**

PETER MICHELMORE





**Ao ver, de dentro do helicóptero destruído, a neve que rodopiava na escuridão da noite, o médico caiu em desânimo. Quem poderia tirá-lo dali?**

**G**LENN VELARDI observava os sinais de tempestade no céu escuro, enquanto o helicóptero da Medivac (transportes médicos aéreos) se dirigia para as montanhas Pinaleno, no Arizona. Médico de bordo, Glenn, de 31 anos, já tinha estado em dezenas de missões de socorro aéreo sob tempestades, sem se sentir desconfortável. O helicóptero estava indo para Saford, onde ia apanhar um doente com dores no peito. No máximo, pensou Velardi, teremos uma hora de vôo. O piloto, Dale Mathews, conhecia os caminhos das montanhas tão bem como Glenn o sistema vascular humano.

Através dos fones, ele ouviu Mathews contatar a torre de comando de Tucson, dizendo: «Aterrissamos dentro de 14 minutos.»

Velardi ia sentado na parte de trás da cabine, ao lado de uma enfermeira — coisa bastante diferente do

assento do lado direito de uma ambulância em louca correria através das ruas de Nova York, onde, há 9 anos, iniciara sua carreira (embora nessa época não se sentisse infeliz). Mas quando, em 1988, se cansou daquilo, ele, um homenzarrão de 1,80 m de altura e 95 kg de peso, mudou-se para Tucson. De médico dos bombeiros, passou aos socorros aéreos em expediente integral.

Embora afetasse certo falso ar, fazendo crer que ficara empedernido pelo tempo que passara em ambulâncias pelas ruas de Nova York, não conseguiu enganar ninguém — muito menos a Donna Palmer, garota de belos olhos azuis que funcionava como coordenadora dos serviços paramédicos do Hospital Northwest, em Tucson. Ela e Velardi se apaixonaram.

Agora, já sobrevoando as montanhas e olhando através dos vidros da cabine, o médico viu a luminosidade



dade pálida do céu dissolver-se num cinzento-escuro e ouviu novamente o piloto contatar Tucson, desta vez para avisar que ia passar a voar por instrumentos.

Cinco minutos depois, Velardi gelou. Uma escuridão absoluta se abateu sobre as paredes de vidro do helicóptero. Instintivamente, apoiou um braço contra o teto da cabine. «Um banco de nevoeiro.» Sentiu o aparelho virar bruscamente para a esquerda, tentando se desviar. Logo a seguir, ouviu o bipe de alarme do altímetro radar. Um frêmito de medo percorreu seu corpo. «O solo!» No escurecer súbito da noite, não pensou nem ouviu mais nada.

Quando abriu os olhos, percebeu que estava deitado de lado. Voltando-se de costas, olhou para cima e viu os contornos vagos de um assento vazio com cintos pendentes. Seu próprio assento. Estava no teto da cabine. «Meu Deus, caímos!»

Procurando no bolso de seu traje de vôo, conseguiu encontrar uma lanterna. Dirigiu, nervoso, o fino feixe de luz para o lugar da enfermeira. Ela jazia pendurada de cabeça para baixo, presa ao assento pelo cinto de segurança. Como visse as coisas em duplicado, Velardi fechou um dos olhos para distinguir melhor. Não havia dúvida. Estava morta.

Olhou em torno, iluminando com a lanterna o interior destroçado da cabine. O lugar do piloto estava escondido por trás de ferragens retorcidas e ele torceu para que Mathews estivesse vivo. «Dale», chamou. Nenhuma resposta. Chamou de novo.

Um pensamento absurdo correu por sua cabeça: o piloto fora buscar socorro. Mas se eles tinham batido contra uma montanha, ele não podia deixar de estar morto. Fechando os olhos, Velardi procurou se acalmar. «Estou vivo e vou continuar vivo até virem me socorrer.»

Semi-erguido de encontro à parede metálica, sentiu o enorme peso do painel de controle do oxigênio em cima dos joelhos. À sua direita, uma pá quebrada do rotor do aparelho abriu um buraco na fuselagem, atravessando-a.

Ao virar a cabeça, um pedaço de pele caiu-lhe em cima da orelha. Sua mão tocou o cabelo naquele lugar ensopado de sangue. Tateando com os dedos, repôs no lugar a pele, calcando-a com suavidade. Lembrou-se de que o couro cabeludo era irrigado com sangue venoso, o que significava que, a princípio, iria sangrar abundantemente. «Não é disso que você vai morrer.» Lá embaixo, junto ao tornozelo esquerdo e já perto da biqueira do sapato, sentiu um roçar de osso contra osso. Mas não tinha dores.

Espiou para o relógio e viu que eram 20.25. Provavelmente estivera desmaiado mais de uma hora. O localizador de radiofrequência do helicóptero certamente estava transmitindo seu sinal. O aparelho de resgate já deveria estar no ar. «Meu Deus, me tire daqui por favor», implorou ele em voz alta.

Seu olhar caiu numa bolsa lateral da parede da cabine. Erguendo-se, agarrado aos cintos de segurança por



cima da cabeça, conseguiu pegar uma lanterna. Apontou o feixe de luz para fora através do buraco da fuselagem e viu a neve redemoi-nhando e tufo de nevoeiro. Sentiu-se esmorecer. Os destroços do helicóptero não poderiam ser encontrados durante a noite.

A temperatura estava abaixo de zero e Velardi começou a sentir calafrios e tremores por todo o corpo. A hipotermia poderia matá-lo ao amanhecer. «Preciso me manter ativo.»

Soerguendo-se novamente, agarrado aos cintos, conseguiu pegar uma almofada e colocou-a atrás das costas. Havia mais outras três no assento. Com grande esforço, conseguiu apanhá-las também. Em seguida, com um pequeno canivete que tirou do bolso do colete de vôo, cortou umas tiras do vinil que forrava a parede da cabine e enrolou-as em torno das pernas. O esforço deixou-o exausto, mas no momento em que parou, começou de novo a tremer de frio. Sentindo as pálpebras quere-m se fechar, seu espírito reagiu numa violenta advertência: «Se adormecer, você morre!»

Passado pouco tempo, seus ouvidos distinguiram o ruído de um helicóptero lá em cima. Velardi precipitou-se para o buraco da fuselagem. Esticando-se o mais que pôde, varreu o céu com a lanterna, mas sua luz se refletiu no nevoeiro e voltou. «Vamos lá, dê uma ajudinha aqui», gritou.

TAL COMO previra, a equipe de socorro aéreo começara suas buscas na

montanha menos de uma hora depois de o helicóptero ter sido dado como desaparecido naquela noite de quarta-feira 4 de março de 1992. Um jato do Serviço de Fronteiras dos Estados Unidos ouviu os sinais do emissor do aparelho sinistrado e localizou sua origem a cerca de 2500 m de altitude. Contudo, mesmo utilizando câmeras de raios infravermelhos para visão noturna, a equipe de resgate não encontrou os destroços do aparelho, escondidos por trás de uma cortina de nevoeiro em meio àquela vastidão de rochas e neve.

Um piloto amigo de Velardi telefonou a Donna Palmer, dando-lhe a notícia da maneira mais suave possível. «Tudo o que sabemos é que o aparelho de Glenn não chegou a Safford», disse-lhe.

Mas Donna teve um pressentimento avassalador de que Glenn estava vivo. «Tenho de lhe dizer que sei o que aconteceu.» Correndo para o telefone, marcou o número do telecomunicador de bolso de Glenn. Ao ouvir o sinal de recepção, discou o número do telefone de sua casa. Era esse seu beijo secreto dentro da noite.

Entre as ferragens do helicóptero, a 120 km de distância, Velardi sentiu a vibração súbita do *pager* pendurado no cinto. Automaticamente, apertou o botão para ver na tela o número discado, mas não conseguiu lê-lo. Possivelmente devido ao ferimento na cabeça, continuava com visão dupla. Mas a chamada o fez sentir que fazia parte de um mundo vivo, o mundo de Donna.



Pensou então no que poderia acontecer quando amanhecesse. Vistos do ar, os destroços deveriam dar uma imagem de total aniquilação. Isso afastaria as equipes de resgate da hipótese de haver sobreviventes? Tal idéia não lhe saía da cabeça.

O pessoal dos grupos de socorro, estacionados no complexo penitenciário de Fort Grand, no sopé das montanhas, calculou que o helicóptero da Medivac caíra numa área inacessível, a uns 15 km de distância. «Não vamos encontrar sobreviventes depois de passada esta noite», ponderou o Dr. Richard Carmona, diretor dos serviços de traumatologia do Centro Médico de Tucson e membro de uma unidade especializada em retirar de locais difíceis vítimas de acidentes e de crimes.

Os outros dois dessa unidade, o piloto de helicópteros Loren Leonberger e o médico Albert Quesada, já haviam tentado efetuar buscas na montanha, mas foram obrigados a voltar em vista da má visibilidade. Carmona deu um último telefonema naquela noite, para convocar um quarto elemento, Tom «T. J.» Price, de 35 anos, subdelegado de polícia que comandava uma unidade de busca e socorro sediada em Tucson.

VELARDI tremia de frio e suas costas latejavam de dor. Ele se contorceu um pouco para tentar mudar de posição, mas sem resultado. Pondo o cérebro para delinear um plano para o amanhecer, estabeleceu como prioridade sair dos destroços. «Tenho de ser visto e ouvido.»

Às 6 da manhã, quando calculou que as equipes de socorro já estariam no ar, agarrou os cintos de segurança que estavam por cima de sua cabeça e começou a balançar os quadris para a frente e para trás. As pernas ainda estavam presas debaixo daquele pesado painel de metal, mas o movimento conseguiu afastá-las um pouco para a direita.

Encontrando uma toalha amarrotada, enrolou-a em volta do ferimento da cabeça. Em 15 minutos conseguiu libertar as pernas e começou a se arrastar ao longo da pá do rotor, de 30 cm de largura, que perfurara a fuselagem da cabine. Estava agora do lado de fora, ajoelhado em cima da pá, olhando horrorizado para baixo. Para lá de uma saliência de neve de 1,5 m, a montanha caía em precipício uns 300 m. «Como vão me tirar daqui?»

Olhando para a direita, viu que a cauda do helicóptero se partira e se separara do resto, mas não havia sinais dela. Tivera esperança de encontrar lá cobertores e talvez um dos três rádios portáteis do helicóptero. Com o coração apertado, sentiu que sua boa sorte o abandonara.

O pé direito tocou no chão, afundando-se numa espessa camada de neve. Depois, cautelosamente, ele moveu o esquerdo. No instante em que o assentou, sentiu um choque horrível de dor. Arquejante, encostou-se para trás, nos destroços do aparelho. Ouviu então distintamente o ruído martelado de um helicóptero voando cada vez mais perto. Finalmente apareceu um enorme Black



Hawk com o distintivo do Serviço de Fronteiras dos Estados Unidos. Velardi agitou os braços e gritou até seu último alento.

Lá em cima, no Black Hawk, T. J. Price olhou para baixo, para as escarpas da montanha, com os sinais angustiados do radar-farol do Medivac perdido zumbindo em seus ouvidos. Voara para aquela área de busca com os homens do Serviço de Fronteiras e combinara juntar-se aos outros assim que o helicóptero caído fosse encontrado.

«Ali à frente, direção norte, destroços!» Alertado pelo grito de um tripulante, viu o que lhe pareceu uma grande pedra quase inteiramente coberta de neve, encravada no abismo da montanha. Estava certo de que ninguém poderia ter sobrevivido ao desastre, mas nesse momento ele e os agentes do Serviço de Fronteiras perceberam movimentos ao lado dos destroços. Por incrível que parecesse, um homem acenava para eles.

Price abriu a boca de espanto, lembrando uma operação de socorro numa montanha que realizara seis meses antes, e aquele rijo e dedicadíssimo médico com sotaque novaiorquino que o ajudara a transportar a vítima e salvá-la. Com a voz embarcada, disse: «É o Glenn Velardi.»

Ao longo das montanhas até Tucson, as rádios e os telefones celulares difundiram a notícia. Numa casa na parte norte da cidade, Donna Palmer agarrou seu telefone com os dedos trêmulos. «Donna», disse uma voz, «encontraram os destroços. Vieram o Glenn. Está vivo!»

Mas ninguém lhe contou que ele se encontrava à beira de um precipício inacessível. A pé era impossível chegar lá e não havia lugar para se aterrar.

Leonberger e Quesada, voando num helicóptero ligeiro do Departamento de Segurança Pública do Arizona, efetuaram um breve estudo dos destroços e regressaram à base para conferenciar com Price e Carmona. «Vamos ter de retirá-lo de lá com cabo», disse Leonberger.

Agindo depressa, tiraram do pequeno helicóptero as portas e todo o equipamento dispensável e puseram lá várias tiras de náilon e 60 m de corda de alpinismo. Em poucos minutos levantaram vôo novamente, tendo Carmona ficado em terra para reduzir o peso o mais possível. Leonberger manteve o aparelho a 30 m de altura por cima dos destroços. As pás do rotor giravam a 2 m da copa das árvores quando Price, com uma corda passando por baixo dos braços e por entre pernas de seu corpanzil de 110 kg, deslizou para fora do aparelho. Atirando a corda, ele começou a descer em rapel, como faria um montanhista.

Quando seus pés tocaram o solo, a uns 10 m acima do local dos destroços, fez sinal ao helicóptero para se afastar e caminhou por entre as pedras. «Glenn, me diga que é você aí», pediu ele, aproximando-se daquela figura lívida que tremia convulsivamente, encostada ao que restava da fuselagem.

«Sou eu sim, T. J.», respondeu Velardi lentamente, caindo nos braços



do gigante que o socorria. Depois, acrescentou num murmúrio: «Não consegui encontrar o Dale. Vi a enfermeira de bordo. Está morta.»

Receando que o médico sucumbisse à hipotermia, Price carregou-o nas costas, levando-o para a luz do Sol. O tornozelo de Velardi estava partido com bastante gravidade e as dores que sentia nas costas prognosticavam uma fratura de vértebra. Price comunicou-se pelo rádio com o helicóptero, pedindo com urgência que viesse o Rich Carmona.

Regressando ao local do acidente com o cirurgião, Leonberger subiu no alto plano de uma grande pedra que conseguira avistar precisamente acima do local onde Price aterraria e serpenteou por entre as árvores para evitar algum escorregão. Num salto arriscado, Carmona pulou no chão e abriu caminho entre a neve e os rochedos até os dois homens. Após um exame rápido do local, confirmou que o piloto morrera preso ao assento.

Em pé, de costas para o precipício, Carmona colocou Glenn em sanduíche entre seu corpo e o de Price. «Ponha a cabeça dentro do meu blusão, Glenn», mandou o cirurgião. «Respire aqui o ar aquecido.»

Carmona percebeu que Velardi estava entre a vida e a morte. Sem calor, morreria. Price também o sabia.

«Como vamos tirá-lo daqui?», perguntou o subdelegado.

Velardi ouviu-os falar pelo rádio com os homens que estavam no helicóptero.

«Vai ter de ser mesmo pelo siste-

ma do cesto puxado por cabo», disse Leonberger. «Prefiro que seja Rich a fazê-lo porque é mais leve.»

Os quatro homens tinham prática desse sistema de evacuação de feridos ou doentes, uma solução de último recurso em que o paciente é transportado num cesto metálico suspenso do helicóptero. Só que, neste caso, o paciente e o socorrista teriam de sair daquela montanha traiçoeira pendurados apenas por uma corda de alpinismo.

Utilizando as tiras de náilon, Price passou-as por baixo dos braços e entre pernas de Velardi. Depois amarrou bem o médico ferido às tiras presas também e da mesma maneira ao corpo de Carmona e fixou ambos à extremidade de um cabo lançado do helicóptero. Seguindo as instruções de Quesada, o piloto manobrou o helicóptero até este ficar bem na perpendicular. Carmona fez então um sinal com o polegar. «Podemos sair daqui», gritou.

«O cabo está esticado; comece a puxar», disse Quesada para o piloto.

Os dois homens deixaram o chão e lentamente elevaram-se no ar, acompanhando o declive da montanha. As tiras de náilon que os envolviam esticaram e forçaram os ganchos onde estavam presas. Passaram então sobre o abismo, elevando-se a uns 1500 m acima dos rochedos.

Pilotando o aparelho, o rosto tenso de Leonberger refletia sua concentração. Um movimento em falso podia lançar os dois suspensos numa oscilação pendular, que os levaria à morte.



Ultrapassada a crista da montanha, a cerca de 2 km do local do desastre, Carmona e Velardi começaram a voar sobre um vale. O piloto então baixou o aparelho, mas conseguiu manter os dois homens suspensos em posição estável. Mais outros 2 km e chegaram a uma área plana, onde fora instalado um posto de socorro intermédio.

O piloto desceu um pouco com os dois e ficou pairando com grande precisão. A 1 m do solo, Carmona cingiu Velardi contra seu peito e amorteceu a ligeira queda com os cotovelos e os joelhos. «Você conseguiu, Glenn», disse ele ofegante. «Completamente!»

Leonberger então transportou Velardi até o complexo penitenciário, onde uma ambulância aérea os esperava, regressando depois à montanha para ir buscar Price.

Quando o elevador trouxe a marca de Velardi do alto do edifício do Centro Médico de Tucson onde o helicóptero pousara, Donna estava à

sua espera no corredor. Velardi vinha esticado em cima de uma tábua e com o pescoço envolvido numa coleira cervical. Donna se aproximou e encostou o rosto no dele. Pousando uma mão em seus cabelos macios, Velardi percebeu que fora por aquele momento que sobrevivera. «Você era tudo em que eu pensava», disse com voz sumida.

GLENN VELARDI teve fraturas nas costas e no tornozelo e precisou usar muletas durante seis meses. Mas isso não fez moosa em seu espírito forte. Aceitando que não recuperaria a força física necessária para voltar a ser médico de socorros aéreos, dedicou toda sua energia à formação de paramédicos. Foi num dia de verão de 1992, ao lado de Carmona, Leonberger, Price e Quesada, que ele deu a primeira lição de sua nova carreira, falando sobre uma espetacular e ousada operação de salvamento: a evacuação de feridos num cesto puxado por cabo.

ILUSTRAÇÃO: EDWARD MARTINEZ



## **Menu terapêutico**

VOCÊ NÃO precisa marcar consulta: os médicos estão sempre lá. Até fazem consultas à nossa mesa. No Restaurante Yat Chau Health, em Hong Kong, o menu está redigido como uma lista de prescrições para diferentes doenças e uma consulta com um especialista em medicina popular está incluída no preço da refeição. Não só o jantar é apetitoso, mas também pode lhe reduzir um qualquer inchaço ou ajudá-lo a combater a depressão. Bifes com bolbo de lírio, por exemplo, são aconselhados como «fazendo bem ao coração e ajudando a acalmar os nervos».

— Suzy Gershman, em *Islands*